

Vidas Cruzadas

João Henrique Pinto

(Vencedor do 1º Prémio do Concurso de Escrita Criativa do Centro de Línguas e Culturas)

Com três ruas seculares que naquele ponto confluíam, formando uma intersecção perfeitamente geométrica de cento e vinte graus, aquele era um local em tudo banal, se não fosse a estranha forma como aquelas vias, um dia, ali se cruzaram, dando origem a um entroncamento que para sempre passaria despercebido, mas que iria permanecer com uma identidade quase que humana para todo o sempre. Mas, de tudo isto, já nem a mais pequena lembrança vagueava por entre o labirinto de recordações dos habitantes de Tercina. E não foi o tempo quem se ocupou desse esquecimento; dessa vez, o inevitável deslizar dos dias, semanas, meses e anos nada teve a ver com o desaparecimento de determinados factos que poderiam vir a explicar o que os antepassados dos actuais habitantes tão dificilmente conseguiram esquecer, apagando para sempre esses acontecimentos da sua memória - nunca mais uma única palavra do que ali se passou, há cento e vinte anos atrás, foi proferida, nem sequer em conversas secretas entre os que estiveram presentes aquando do sucedido naquela fatídica noite... Tudo foi implacavelmente classificado como se nunca tivesse acontecido!...

Do outro lado do entroncamento, no passeio oposto que se apresentava à direita daquele em que ele se encontrava, uma mulher com o olhar perdido no ar estranhamente quente para um qualquer mês de Fevereiro, olhava distraída para um semáforo vermelho, que já o tinha deixado de ser há cerca de sete segundos atrás. Só disso se apercebeu quando viu subir para o passeio o homem que há poucos instantes se encontrava ao seu lado. Foi ele quem a lançou nesse sonho acordado - não que ele lhe tivesse chamado a atenção por algum motivo em particular, mas simplesmente porque se encontrava a seu lado... alguém apareceu a seu lado... e foi

ele!... Como poderia muito bem ter sido uma qualquer outra pessoa. Mal acabou de subir para o passeio que tinha acabado de alcançar, voltou-se para trás e fixou-a com um olhar que ela julgou de fogo, não tanto pelo calor, como que de chamas ardentes, que dele pudesse emanar, mas antes pela estranha e forte luz que dançava no pouco oxigénio existente no ar que os separava, e que a ofuscou, quase a impedindo de ter a certeza de que ele olhava na sua direcção - mas ele fê-lo... disso, ela estava segura. Mesmo que por uma breve fracção de décimo de segundo, ele olhou na sua direcção...

Começou a atravessar a passadeira e, quando estava a apenas um metro de alcançar o passeio, uma pancada seca, mas forte, como quem bate violentamente em algo que é oco, fê-la voltar repentinamente a cabeça na direcção do rapaz alto, loiro, de calças de ganga e camisa axadrezada, que acabava de ser atropelado por um carro na rua que se apresentava à esquerda daquela que acabava de atravessar nesse momento. Tudo se passou para ela como se numa outra dimensão tivesse acontecido - seguiu o seu caminho voltando à direita no passeio, e entrou numa loja de roupa situada quinze metros mais à frente, na qual a música berrante de um grupo de *rock* impedia os que aí se encontravam de ter ouvido o grito mudo do rapaz ao embater na viatura que o retirou daquele calor, infernalmente abrasador, baixando-lhe definitiva e prematuramente a temperatura do corpo. Lá fora, sem que ninguém se tivesse apercebido, o calor aumentava em cerca de dois graus, e assim se manteve enquanto a mulher permaneceu dentro da loja, voltando a baixar logo após a sua saída.

Nessa altura, ela não poderia saber, e talvez nunca viesse a saber que, antes de começar a atravessar a rua, o rapaz da camisa axadrezada e calças de ganga a olhava fixamente, como se fosse a primeira vez que olhasse uma mulher com o não-sei-quê que ela possuía. A sua beleza, o seu charme, o roliço do seu corpo que rodeava os lábios carnudos de ameixa suculenta de Julho, e todas as fantasias que com ela ele pudesse imaginar, não eram nem sequer nada de tudo o que ele já tinha experimentado ao longo da sua vida de regular devassidão. No entanto, essa seria a última visão por ele saboreada em vida...

O ar, que se apresentava quente, taciturno e pastoso tornara-se, de repente, e não por culpa do ar condicionado da *boutique* em que ela acabava de entrar, um pressentimento de agouro não desejado. Sentiu, sem saber porquê, um ténue pejo de si própria por não se ter sequer informado do que se tinha passado com o rapaz loiro da rua que ladeava o estabelecimento, e que se encontrava orientada para o Norte, se assumíssemos como sendo o seu início o ponto imaginário de intersecção das três ruas que ali se cumprimentavam há doze décadas.

Como se o seu dia de trabalho já não tivesse sido o suficiente para deixar de rastos qualquer ser vivo, o infernal autocarro em que seguia de regresso a casa, após mais um dia de contagem decrescente para a reforma, chocalhava-lhe todos os duzentos e seis ossinhos do corpo com que a mãe Natureza - em conjunto com a sua - resolvera, um dia, pô-lo no mundo. Tinha a sensação de que até os cabelos lhe doíam, desde a ponta até à raiz por debaixo do couro cabeludo, como se tal fosse possível... Reparava que todos, dentro do autocarro, seguiam o seu rumo com um ar de angústia cansada, aliada a uma tristeza sombria, perfeitamente coladas no rosto... Reparava, também, que era um ar que ninguém tentava disfarçar. Sem o menor esforço, seguiam viagem, talvez já sem forças para esconder o que cada um sabia todos sentirem. Apenas ansiavam por chegar a casa para se refestelarem, talvez num sofá, e deleitarem-se com um *whisky*, com idade suficiente para os ajudar na espera que ainda tinham de enfrentar até o jantar ficar pronto. Depois, era a vez do despertador tocar na manhã seguinte, como que num augúrio de que tudo iria recomeçar. Alguns, iriam sorver esse aperitivo lenta e gulosamente, apreciando a morte de cada um dos problemas que os incomodara ao longo do dia; outros, iriam engoli-lo de um só travo, como se a simples presença de qualquer problema fosse algo que não pudessem suportar à flor da glote, despachando-o de imediato, implacavelmente; outros ainda, dariam um ou dois goles, e deixariam o copo restante de meio, adormecidos, impotentemente no sofá, pela força do cansaço - no dia seguinte, deitariam o resto do líquido de malte pelo lava-loiças abaixo, colocando de seguida o copo na máquina de lavar. Tudo iria, uma vez mais, faticamente recomeçar.

Ao chegar a casa, a primeira coisa que fez foi ir à casa de banho lavar as mãos, seguidamente mudou de roupa e, finalmente, sentou-se no sofá, também ele, mas só depois de ter passado na cozinha para escolher e abrir uma garrafa de tinto do Dão - não era muito, o *whisky*, o seu género. Abriu a garrafa com todo o vagar e delicadeza que a operação requer. Pousou, depois de servido com o precioso líquido, o copo em cima da mesa rústica, em ferro artesanal e com tampo de vidro, que tinha colocada no meio da sala, entre a televisão e o sofá. Apreciou-o à distância por alguns instantes, passados os quais o agarrou: pegou-lhe, de início, só com dois dedos, o médio e o polegar, agarrando-o de seguida com todos os dedos de ambas as mãos, como se receando que lhe fugisse. Deu um gole. Deixou cair a cabeça para trás e ela assentou que nem uma luva no largo encosto do sofá. Inspirou fundo pelo nariz. Reteve a respiração por breves segundos, com os olhos fechados, sentindo o seu aroma ligeiramente frutado invadir-lhe os sentidos e, finalmente... engoliu o mais devagar que sabia o líquido rubro, agora ligeiramente amornado pelo calor do seu corpo, que a ele chegava através do céu da boca - «Uma boa temperatura!», pensou.

Sem querer, lembrou-se daquele rapaz que tinha sido atropelado naquela tarde, mesmo em frente à pastelaria onde trabalhava. Era um tipo simpático. Não chateava ninguém. Apenas tinha um gosto no vestir do qual ele discordava... e logo ele, que nunca tinha gostado de camisas axadrezadas... faziam-no lembrar-se dos escoceses, dos pescadores da Nazaré, os que têm o gosto que têm. Neles, fica bem, porque é tradição, faz parte da sua cultura, e já com essas tendências vivem desde há décadas, ou séculos. Mas num mero habitante urbano, quem nem sequer sabe o que é a cultura ou tradição de um país, torna-se forçado, ridículo, impessoal... Lisos, tons lisos é que o atraíam!

Em casa, ela experimentava com ansiedade as roupas que tinha comprado naquela loja, num dia em que se lembrava de que tinha havido um acidente mas, sem saber porquê, tinha sido algo que a não havia perturbado minimamente. Pendurada na parede por cima da cómoda, de onde tirou uma toalha antes de se dirigir à casa de banho para ir tomar um duche refrescante, estava aquela fotografia a preto e branco de que ela tanto gostava e que o seu marido tinha comprado cinco anos antes na Feira da Ladra, a um rapaz que necessitava de dinheiro, e que já na altura vestia amiúde camisas axadrezadas. A fotografia, sem que ela nunca o tivesse sabido, retratava um grupo de bombeiros trajando à civil em frente dos destroços de um incêndio, que se podia ver ter sido de grandes proporções devido à densa neblina, causada pelo rescaldo, que pairava no ar, passeando-se por entre o fotógrafo e os soldados da paz. Com o edifício completamente destruído por detrás, que cem anos mais tarde daria origem a um complexo de escritórios e lojas de comércio, entre as quais uma loja de pronto-a-vestir, o chefe dos bombeiros fitava o fotógrafo como se aquele momento fosse, não o fim de um pesadelo, mas o princípio de um outro.

Do sucedido naquela noite, nunca ninguém voltou a proferir uma só palavra. A única memória que a ela sobreviveu, para além da fotografia, foi uma mensagem escrita, que uma das testemunhas do terrível acontecimento, violando o acordo que por todos tinha sido assumido de nada revelar às gerações vindouras, resolveu deixar escondida dentro do colchão, no seu leito de morte. A mesma só viria a ser encontrada trinta anos mais tarde, por uma neta sua, mas que a guardaria, também em segredo, até ao dia da sua morte, sem nunca a mostrar a ninguém.

Antes de sair de casa, o rapaz que viria a ser atropelado mortalmente, lembrou-se de que não se podia esquecer da folha de papel amarelecida encontrada há cinco anos atrás, quando deixou cair a fotografia que herdara do seu avô. Este, antes de falecer, revelara-lhe que a mesma havia pertencido a uma tia sua que tinha morrido em circunstâncias «estranhamente predestinadas» - foram exactamente estas

as suas últimas palavras - acrescentando, ainda, e antes de fechar os olhos para sempre, o pedido de que nunca a retirasse da moldura, acontecesse o que acontecesse. Apesar de nunca se ter preocupado com esse pedido em jeito de aviso, a verdade é que nunca teve essa curiosidade mas, nesse dia de limpezas de há cinco anos, o acaso fez com que descobrisse essa misteriosa mensagem da qual desconhecia a existência até essa data.

A mensagem encontrava-se quase que apagada por acção do tempo, e só com muita dificuldade se conseguiam ler algumas palavras soltas, separadas por espaços que em tempos estiveram preenchidos com o texto que completaria aquela misteriosa anúncio: conseguia ler que «aquele que dela for o guardião», a deveria guardar até ao «momento em que fosse chamado a cumprir o acordo» - deduziu que se tratasse da morte - nunca dela se devendo separar em vida, ou tudo o que «estava selado», e depois... talvez... «cessaria de o ser para todo o sempre». Além destas palavras, que produziam um mínimo de lógica, apesar de não revelarem nada em concreto, todas as outras eram praticamente ilegíveis, à excepção da última frase, a qual representava a mais nítida de todas as linhas escritas em todo o documento - tinha a certeza absoluta de que a mesma tinha sido acrescentada numa data posterior à da redacção inicial. Mas, como não poderia afirmá-lo com fundamentos científicos, até porque a caligrafia se afigurava idêntica, se não a mesma do que aquela com que toda a carta tinha sido escrita, apenas lhe restava a única convicção inabalável de que a tinta desse pequeno fragmento derivava de um tom bastante mais escuro do que o resto da redacção, e a espessura do aparo com que fora escrito era mais fina - mas quase jurava tratar-se da mesma caligrafia...

Foi por um mero acaso que conheceu o irmão de uma colega de trabalho, aquando de um dia de chuva torrencial, em que ele a foi buscar de carro. Enquanto ambos esperavam que ela se despedisse do chefe de redacção do jornal, e que este lhe desse as instruções para o dia seguinte em que ele estaria ausente, veio a saber que esse seu novo conhecido era um famoso investigador e restaurava documentos manuscritos dos séculos XVIII e XIX. Dai à ideia de lhe passar o indecifrável documento para as mãos foi um salto.

Enquanto se dirigia para o encontro que tinha marcado com esse perito, ia relendo mentalmente essa frase tão intrigante: «Ao deste se despedir, / se ainda em vida existir, / o predestinado a quem olhar, / o voltará a soltar. / Num sinal o calor já queima o ar, / e com o olhar escolherá, / aquele que a porta de novo incendiará».

Subiu as escadas do prédio que conduziam ao escritório, e que ficava no andar por cima da pastelaria. Depois de ter lido o documento, e efectuado um teste sumário com um ácido não corrosivo especial para este tipo de documentos, o perito irmão da sua colega do jornal disse-lhe algo que o deixou aterrado: aquele último conjunto

de frases enigmáticas, tinha realmente sido escrito com uma tinta criada por volta de 1930, no entanto, o restante documento devia datar da segunda metade do século XIX; contudo, assaltava-o um pressentimento que necessitava de ver confirmado por um especialista em grafologia - tudo apontava para que tivesse sido a mesma mão a redigir tudo o que naquela carta se encontrava escrito.

Foi ao chegar à rua, ainda absorto pelos acontecimentos com que acabara de ser atingido, que sentiu o ar quente a queimar-lhe o rosto. Não se lembrava de estar tão quente antes de ter entrado. Como ainda era cedo para ir trabalhar, resolveu entrar na pastelaria e beber algo que o refrescasse. De novo na rua, e enquanto esperava que o sinal mudasse para atravessar, ao olhar para a direita, reparou que da porta de entrada do jornal, saía uma mulher elegante que, também ela, se dirigiu para a passadeira; parou ao lado do empregado da pastelaria, que ia começar o seu turno. O sinal que ele esperava para atravessar ficou verde, mas o calor que de súbito sentiu ao olhá-la fê-lo lembrar-se de algo que tinha lido recentemente, mas não se recordava do que tinha sido. Finalmente atravessou, mas sem deixar de fitar aquele calor que dela emanava e lhe entrava pelos olhos dentro, e sem se aperceber que o sinal tinha mudado para vermelho há três segundos atrás, e sem se dar conta do carro que o colheu quando dava o terceiro passo, naquela que era, das três ruas que ali se cruzavam, a que se encontrava voltada a Norte.

Acordou com o som estridente do despertador. Pôs o café a fazer e foi tomar um duche. No quarto voltou a olhar para a fotografia dos bombeiros que ela não sabia que o eram. Estavam diferentes, como que mais nítidos... Talvez fosse do calor que, mesmo àquela hora da manhã já começava a invadir a casa, a cidade e o seu corpo que ainda há pouco tinha refrescado. Lembrou-se dos acontecimentos ocorridos um dia antes...

Já na rua, e enquanto se dirigia para o Instituto, lembrou-se que tinha de passar na redacção do jornal para consultar os exemplares que tinha requisitado ao arquivo na véspera.

O copo que tinha usado no dia anterior ainda estava em cima da mesa de ferro com tampo de vidro. Lavou-o à pressa, juntamente com a louça da véspera, porque já estava atrasado. Já não tinha tempo de fazer o almoço. Comería qualquer coisa quando chegasse à pastelaria ? recordou-se do rapaz que trabalhava no jornal e que tinha sido atropelado em frente da mesma. Reparou, pelas horas, que se se despachasse, ainda tinha tempo de passar pelo jornal para perguntar quando e onde se realizaria o funeral. Estava quente!... Mais quente do que alguma vez se recordava de ter estado num mês de Fevereiro.

Tinha pensado almoçar com o marido, mas recebeu um telefonema de um amigo dos tempos em que andou na Universidade. Como tinha de passar no jornal, combinou encontrar-se com ele na pastelaria que ficava no andar de baixo do seu escritório. Quando chegou, já o seu amigo se encontrava à sua espera. Pediu desculpa pelo atraso, explicando que foi devido ao trânsito, e que também não pôde puxar muito pelo carro porque a temperatura começava a subir vertiginosamente se ultrapassasse os noventa quilómetros horários, ainda para mais com este calor canicular que não havia forma de abrandar.

Após a conversa trivial acerca do tempo e da família, ele perguntou-lhe se ela teria disponibilidade para analisar a grafia de um documento antigo, que um amigo da irmã tinha deixado ao seu cuidado. Afinal, ela era a melhor grafóloga que ele alguma vez conhecera.

Depois de explicados todos os pormenores, pelo menos aqueles que estavam em posse do seu amigo, o documento que ele lhe mostrou deixaram-na de tal forma perturbada, que nem sequer ousou dissipar-lhe as dúvidas que ele mantinha quanto ao autor das duas escritas distanciadas uma da outra por várias décadas. Pelo menos, não sem antes efectuar um estudo mais aprofundado do misterioso documento.

Quando saiu para a rua, reparou que o ar estava estranhamente mais quente do que quando tinha entrado no estabelecimento. Dirigiu-se para a passadeira, ao mesmo tempo que se lembrou de que tinha ficado de passar na redacção, a fim de consultar os arquivos. Quando parou, por o sinal a impedir de atravessar naquele momento, e enquanto esperava, teve o instinto de olhar na direcção da porta de entrada da recepção do jornal. Contudo, o seu olhar não chegou a alcançá-la... deteve-se num homem, na casa dos trinta, que estranhamente lhe fez recordar alguém que já havia encontrado antes. Sem perceber muito bem porquê, nem sem sequer disso se ter apercebido, olhou-o de uma forma tão fixamente penetrante, que facilmente podia sentir o calor que por ela acima subia, entrando para dentro de si através do seu olhar que já quase nada de terreno parecia ter. Enquanto os olhos lhe ardiam, ao mesmo tempo que tentava compreender aquela estranha atracção puramente visual por aquele desconhecido, - que não o era de todo - atravessou repentinamente a estrada. Mas não chegou a alcançar o passeio em frente, pois a viatura que a atingiu não teve sequer tempo de reduzir a velocidade com que circulava.

Tinha acabado de sair do jornal com a informação relativa à data, local e hora do funeral. Dirigia-se agora para a pastelaria e talvez ainda tivesse tempo de comer qualquer coisa antes de pegar ao serviço. Parou na passadeira enquanto esperava o sinal verde. Longe de qualquer explicação, o homem que se encontrava ao seu lado despertou-lhe excessivamente a atenção, e isto sem nenhum motivo que por ele

pudesse ser compreendido com clareza. Apenas sabia que esse homem desconhecido o tinha feito passar a um tal estado de semi-consciência que, só quando o viu a subir para o passeio em frente é que despertou. Começou, então, a atravessar a rua e, quando estava prestes a alcançar o passeio, ouviu o estrondo provocado pelo embate do carro que acabava de atingir mortalmente uma mulher que atravessava a passadeira - viria a sabê-lo depois, ao chegar junto do corpo - já com o sinal vermelho.

Nessa altura, ainda não sabia, nem poderia saber que, dois dias mais tarde, ao sair do trabalho - depois de ter efectuado o turno da manhã por troca com um colega que tinha ido prestar provas de admissão para o jornal do outro lado da rua - iria ficar estacado à saída da pastelaria, talvez devido ao forte calor que se fazia sentir nesse dia, olhando inexplicavelmente para um homem que lhe fazia lembrar alguém que já havia encontrado não sabia bem onde.

Esse homem, que tinha estado dois dias antes a seu lado, aquando do atropelamento daquela mulher frente à pastelaria, acabava de sair da redacção!... Junto dele, estava, «estranhamente predestinado», o seu colega de trabalho...